

CMP 2.1.9.69

# Valores de Campinas

Celso Maria de Mello Pupo

Mais uma demonstração do talento campineiro foi difundida por Canal da Capital, consistente em afirmativas unânimes de um grupo de autoridades em assuntos musicais. Um júri composto destas autoridades, sem quebra de uma só opinião contrária, afirmou para o país que Campinas é berço de um valor que se destaca e que alça às culminâncias de um principado de arte.

Levado aos lares pela mais moderna forma de transmitir, a televisão, este valor moço de Campinas está mostrando a outras cidades a sua manifestação de talento que prestigia nossa terra, numa sequência honrosa que nós devemos trazer em constante evidência, como grandeza que é. Quem já ouviu Paulinho Nogueira, não deixou de admirar, de se extasiar mesmo, pela virtuosidade do artista, pela sua sensibilidade de alma e pela técnica como afirmam os doutos; geral tem sido a admiração dos que o ouvem e unânimes os elogios que merecidamente vem recebendo.

E ao genealogista ocorrem, então, fatos passados que voltam à lembrança, no doce encanto da recordação: quando ainda andávamos pelos nossos oito anos de idade, ensinaram-nos a ir visitar uma tia e madrinha, em casa de sua mãe onde se hospedava em Campinas. Partíamos do jardim Carlos Gomes, subindo a estreita rua Irmã Serafina, até atravessar a Ferreira Penteado, e, logo à direita, encontrar uma casa antiga com sua porta de entrada e várias janelas em seguida; transpostos os quatro ou cinco degraus da escada, abria-se a sala de visitas, ampla, com seu mobiliário antigo e um elegante piano onde se via, muitas vezes, uma velha senhora executando músicas de sua predileção, o que fez até os últimos dias de sua existência cortada por morte súbita.

Esta senhora era Dona Ana Maria Cordeiro de Castro, conhecida por Dona Aninha de Castro, gente da velha Campinas, filha de Joaquim Roberto Alves e de Dona Ana Gabriela de Castro Camargo, por quem foi neta materna do primeiro Francisco de Paula Camargo, figura destacada na história de Campinas, e de Dona Querubina de Castro Camargo, que era também Camargo por pai, e Castro por ser filha de Dona Querubina Rosa de Azevedo e Castro e neta de Januário de Sant'Ana e Castro, natural de Santos e primo irmão do pai de José Bonifácio, o Patriarca. Dona Aninha fôra casada com outro Castro, Joaquim Gabriel, que por sua mãe era Castro, em duas linhas ascendentes, vindas de João de Castro Adorno, natural de Santos e casado em Itu em 1712. O marido de Dona Aninha, em 1855, assinava Joaquim Gabriel da Costa Camargo e Castro, e era comerciante de fazendas na rua Direita, hoje Barão de Jaguara.

Pelo seu pai, foi Dona Aninha neta do primeiro Custódio Manuel Alves e de Dona Ana Maria Novaes Cordeiro que se entronca em muitas famílias paulistas, como os Novaes de Magalhães, gente de tradição e ilustre. E era Dona Aninha quem tocava e quem ouvíamos ao piano na velha casa da rua Irmã Serafina; entre suas grandes qualidades, mãe dedicada, senhora inteligente, de agradável palestra, de incomum pendor musical, cultivava seu acendrado sentimento de civismo, nunca deixando, no alvorecer do dia da pátria, sete de setembro, mesmo antes de tomar o seu café da manhã, de dirigir-se ao piano e executar o hino nacional!

Dona Aninha deixou—quatro filhas e um filho que foi conceituado industrial em São Paulo, Joaquim Gabriel de Castro; suas filhas foram, Dona Olímpia, casada, sem geração; Dona Maria, casada, mãe de Joaquim de Castro Tibiriçá, prefeito de Campinas e deputado estadual, e das conhecidas e estimadas professoras Tibiriçá; Dona Urbana, musicista e cantora de mérito, que ainda vive em Santos, viúva, com filhos, netos e bisnetos; Dona Bráulia, nossa madrinha e tia por ter sido casada com José Pupo Nogueira em cuja casa paterna todos os irmãos tinham educação musical, sendo que o irmão Herculano, pai do professor Aguiar Pupo, da Universidade de São Paulo, foi professor de música. Dona Bráulia era boa pianista, e não nos esqueçamos do tempo de menino em que lhe pedíamos que executasse predileta valsa de Chopin, e a ouvíamos absortos nos acordes românticos e esplêndidos do gênio polonês; casou-se ela aos 6 de novembro de 1879, na capela da Castro, fazenda que está hoje na posse do fazendeiro do seu parente José Manuel de seu descendente Dr. Otávio Bierrenbach de Castro.

A filha mais velha de Dona Bráulia, foi cantora, pianista e concertista, não deixando o piano, como sua avó materna, até o findar de sua vida em 1966, contando mais de oitenta anos de idade; o filho primogênito, Joaquim Gabriel, em sua mocidade foi violinista, de profundo sentimento artístico, alma sensível aos eflúvios mágicos da música e coração imensamente generoso; casou-se com Dona Júlia, filha de Antônio Benedito de Castro Mendes, o artista comerciante, nascido em 1856 em Campinas onde viveu oitenta e dois anos, falecendo aos 27 de novembro de 1938, e que foi pianista e compositor.

A. B. de Castro Mendes, neto materno de José Mendes Ferraz que era "bom músico", fundou, em 1876, uma encadernação, oficina tipográfica para obras e impressos comerciais, que passou a ser a tradicional Casa Livro Azul; por ele conduzida com esclarecido tino comercial, foi estabelecimento dos mais conceituados pela perfeição e adiantamento dos seus trabalhos e pela honorabilidade de suas transações. Mas a Casa Livro Azul era, ainda, um templo de arte: importava da Europa o que havia de mais fino gosto, a começar dos pianos que passaram a constituir uma seção especial; possuía um grande salão de arte que se estendia em toda largura do terreno do prédio, e que continha pianos, estatuetas, porcelanas, quadros, bronzes, para ser um ambiente dos mais requintados. Temos, ainda, na memória, aquele salão onde a delicadeza e atenção de Castro Mendes, conquistavam todos, até mesmo os mais jovens que dele se aproximavam; este salão era como uma casa de artistas, que ouviu execuções de Carlos Gomes, que recebeu cantores líricos afamados, que acolheu Maria Amélia de Rezende Martins, Guiomar Novaes, e outros, e literatos como Coelho Neto, a fulguração das letras brasileiras que soube dizer de Castro Mendes, em quem "a inteligência e o coração vivem em boa aliança com a energia e o trabalho".

De Joaquim Gabriel e Dona Júlia, nasceram vários filhos talentosos, um filósofo, um jornalista, um pintor e escultor, e quase todos músicos, e Paulinho Nogueira, o mágico do violão que, em seus dedos, é instrumento de vastos recursos e do qual o artista consegue tirar expressões das mais puras da arte musical. E é ele, brilhante no presente, honra a história dos ancestrais e consolida a lei da hereditariedade como descendente, do lado paterno de acentuadas influências artísticas, quer pelo avô como pela avó; e do lado materno de outras tantas forças de vocações para a arte; com antepassados e colaterais que talvez tivessem tido notoriedade se assim permitissem as circunstâncias do seu viver, ele nos dá hoje a riqueza do seu talento.